



A midiatização do conflito: uma análise de *Martírio* (2016, Vincent Carelli)¹

The mediatization of the conflict: an analysis of *Martírio* (2016, Vincent Carelli)

Carlos Eduardo Ribeiro

Palavras-chave: Mídiação, conflito; cinema brasileiro; Guarani Kaiowá.

Introdução

O artigo problematiza a midiatização dos conflitos entre o povo Guarani Kaiowá e ruralistas no Estado do Mato Grosso do Sul a partir de uma análise do longa-metragem *Martírio* (Vincent Carelli, 2016). O filme faz parte do projeto *Vídeo nas Aldeias*, surgido na década de 1980 como uma escola de cinema para indígenas, hoje uma ONG cuja trajetória embaralha-se à do próprio Carelli. Conta com dezenas de produções e utiliza-se da *web*, venda de DVDs e festivais e mostras de cinema como principais ambientes de projeção. A expansão da visibilidade midiática indígena propiciada pelo projeto pode ser interpretada como produto da expansão da cultura dos meios e da ambiência midiática, como conceituadas por Antônio Fausto Neto (2018, p. 75).

Já Gomes (2016, p. 2), ao discutir o problema da midiatização, indaga: “Será que a midiatização constitui um processo global de mudança? Em caso afirmativo, pergunta-

¹ Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.



se onde estão localizadas as desigualdades e as dissemelhanças desse processo?”. Com essas perguntas de fundo, indagamos como a visibilidade Guarani Kaiowá nas mídias opera no sentido de complexificar uma série de disputas discursivas (NETO, 2018, p. 78), tensionando a “unidade” ou a “visão comum” humana teleologicamente imaginadas pelo francês Teilhard de Chardin (*apud* GOMES, 2016, p. 4-6) – autor que influenciou significativamente Marshall McLuhan –, como suposta consequência das tecnologias de comunicação.

O filme reúne imagens que ajudam a compreender não só o conflito entre os Guarani Kaiowá e ruralistas no Mato Grosso do Sul, mas sua midiatização nos últimos anos. O texto aborda três aspectos desse processo destacados em *Martírio* (2016), que perfazem a organização dos tópicos subsequentes: (I) a visibilidade da luta indígena a partir de uma carta enviada ao Ministério Público em 2012; (II) a difusão de um vídeo intitulado “Índios assassinos” nas redes sociais, no qual se vê um policial assassinado por um grupo Guarani Kaiowá; (III) a distribuição de *Martírio*.

1 A luta Guarani Kaiowá nas mídias

A luta dos Guarani Kaiowá pela retomada dos territórios de onde foram expulsos durante o segundo governo de Getúlio Vargas começou na década de 1980², mesma em que Vincent Carelli se aproximou desse povo e começou a captar imagens para o filme. Em 2012, enquanto *Martírio* era gravado, a luta indígena ganhou novos contornos com uma carta dos Guarani Kaiowá sendo publicada na mídia brasileira e internacional. A

² Conforme Verón (2004, p. 278), nos anos 1980 há a expansão dos estudos sobre midiatização e a adaptação das instituições democráticas às mídias, que passam a ser as intermediárias incontornáveis da gestão do social.



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

partir do acampamento de Pyelito Kue, anunciavam resistência até a morte frente a uma ameaça violenta de despejo feita por fazendeiros. Isso foi após o assassinato do cacique Nísio. Em manifestação de solidariedade, milhares de internautas colocaram "Guarani Kaiowá" nos seus sobrenomes no Facebook.

Carelli incorpora ao documentário uma conversa com os moradores de Pyelito Kue após sua efêmera visibilidade. Nela relatam consecutivas violências dos pistoleiros contratados pelos fazendeiros, braços quebrados, tiros e a morte de vários “companheiros de luta”, como diz um dos entrevistados. O documentarista realça na conversa a importância da mediação daqueles casos: “É importante que as imagens, a fala de vocês, cheguem nas cidades. Quando a coisa apertou que vocês escreveram aquela carta, milhares de brasileiros escutaram. Nunca tinham ouvido falar em Kaiowá. E isso sensibilizou”. A partir da pressão pública e midiática engendrada pelos Kaiowá e internautas em 2012, a ministra dos Direitos Humanos e o Ministério Público Federal agiram em favor deles.

Lembramos o teórico jamaicano-britânico Stuart Hall (2014, p. 103-4) quando aponta a importância do agenciamento de identidades para a questão da política. Os usuários do Facebook, ao identificaram-se provisoriamente como Guarani Kaiowá, borraram as diferenças e construíram uma mesmidade entre si e os indígenas, tirando-os da outridade e do particularismo e expandindo midiaticamente as fronteiras da sua existência e luta.

2 O vídeo “Índios assassinos”

O momento subsequente do filme remete ao assassinato de um proprietário rural por um grupo Guarani Kaiowá, denunciado no Senado pelo então governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli. O filme incorpora como material de arquivo uma filmagem da TV Senado em que o ex-governador pelo PMDB, em discurso inflamado,



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

queixa-se das Ong's, do Cimi – “um braço fascista da igreja católica”, diz –, da Funai – a qual extinguiria caso fosse Presidente da República, já que “lá no Estado do Mato Grosso do Sul quem trata dos indígenas é o Governo do Estado do Mato Grosso do Sul” –, e dos índios, com ênfase para os Guarani Kaiowá. Em detrimento de todos estes, defende o produtor rural sul mato-grossense, o nacionalismo e a soberania nacional. Antevê uma inevitável chacina: “[de] quem vai ser a culpa? De todos nós”, postula. Dará o direito ao produtor rural “de se defender com armas”. Como fechamento dessa fala, acusa a imprensa de olhar para os conflitos rurais no seu Estado de uma “ótica unilateral” e mostra, como contraponto a ela, um vídeo amador. Nele vemos um homem branco de meia idade deitado no chão, com a cabeça ensanguentada, tentando negociar sua soltura e vida com indígenas, os quais não se vê, mas sabe-se, pelas vozes, que são no mínimo três. Mesmo mediante a evidente perda de sangue, o grupo permanece impassível em mantê-lo preso. O desfecho da história, que extrapola o vídeo, é a morte desse homem que André Puccinelli apresenta como pequeno proprietário rural e policial aposentado.

A seguir, no filme, Carelli vai ao acampamento de Itaã para compreender o contexto daquele vídeo o qual, como informa na narração, foi compartilhado milhares de vezes nas redes sociais sob o título de “índios assassinos”. Duas pessoas relatam terem sido alvejadas pelo homem morto. “Ele veio pro meu lado dizendo que ia matar todo mundo. Me falou tanta coisa... Me xingava de vadia, biscate. Falou muita besteira apontando a arma pra mim”, diz uma mulher que teve a mão acertada. Ao vermos e ouvirmos os Kaiowá presentes no assassinato, compreendemos que o homem do vídeo adentrou o território indígena atirando com um revólver contra um grupo de pessoas. Os depoentes do filme caracterizam o episódio como legítima defesa por parte dos Kaiowá, já que, como um deles alega, o ex-policial armado “ia matar seis ‘muié’”. O diretor comenta na narração que “50 lideranças [indígenas] foram assassinadas nos últimos 30



anos, enquanto 3 policiais foram mortos no mesmo período”, ressaltando a disparidade de forças nessa disputa.

3 A difusão do filme

Em um País onde o agronegócio é um bastião da economia, onde a maior emissora de televisão lança uma campanha que enuncia “agro é pop, agro é tech, agro é tudo” e onde a bancada ruralista é uma das mais expressivas no congresso, *Martírio* lega visibilidade a uma perspectiva invisibilizada, a indígena. Na sua estreia no 49º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro, “recebeu uma consagração como havia muito não se assistia no Cine Brasília” (ORICCHIO, 2016). Ganhou prêmios do público e do Júri oficial do festival. No Festival de Mar del Plata 2016, venceu o Melhor Filme Latino-Americano. No 37º Festival de Gramado, obteve o prêmio de melhor diretor. No Festival de Cinema do SESC 2018, o prêmio da crítica. Foi considerado o melhor longa-metragem brasileiro exibido em circuito comercial em 2017 pela ABRACCINE; dentre outras consagrações. O reconhecimento da obra dentre festivais e especialistas, contudo, não diz muito sobre a sua difusão.

Segundo dados da Ancine, *Martírio* contabilizou nas salas de cinema um público pagante de 6.396, número muitíssimo modesto se em comparação a, por exemplo, *Minha mãe é uma peça 2* (2016, de César Rodrigues), que fechou 2017 com 5,2 milhões de ingressos vendidos. Dito isso, mapear a difusão de um filme no Brasil apenas com dados oficiais é difícil, já que eles ignoram exhibições gratuitas de todos os gêneros, downloads, e plataformas de streaming: meios dos quais *Martírio* vem lançando mão.

Apesar da dificuldade de mensurar o público, uma análise da luta indígena por direito à terra após 2016 permite problematizar o impacto social de *Martírio* enquanto instrumento político ou informativo na mídia. Afinal, as mesmas mídias usadas como instrumento de denúncia do genocídio sofrido pelos indígenas são agenciadas também



para reproduzir a desigualdade e desinformação que produzem esse genocídio, como podemos perceber pelo vídeo nas redes sociais ao qual alude o ex-governador do Mato Grosso do Sul, André Puccinelli.

4 Conclusões preliminares

O documentário *Martírio* toma parte em uma disputa social e simbólica em curso. Sua narrativa mescla filmagens originais com materiais de arquivo: cinejornais, televisão, vídeos da web. Suas estratégias de difusão extrapolam as canônicas salas de cinema e festivais, agenciando mostras diversas, distribuição gratuita nas mídias sociais e paga *on demand*.

As redes sociais também aparecem na narrativa do filme. Em 2012 a difusão de uma carta escrita pelos Guarani Kaiowá deu visibilidade a sua causa e chamou a atenção de telejornais, internautas e do poder público. Por outro lado, o vídeo lançado nas redes sociais sob o título de “índios assassinos” buscou responder àqueles sensibilizados pela luta indígena, embaralhando percepções.

Uma análise dos processos de midiatização no interior do filme e a partir dele pode dar inteligibilidade à disputa social e midiática que motiva o documentário e na qual ele se insere; bem como ajudar a compor respostas à questão de Gomes (2016) enunciada na introdução a respeito da localização das diferenças no processo “global” de midiatização. Ao mesmo tempo em que o filme propicia uma expansão e difusão da perspectiva Guarani Kaiowá no conflito, a mídia hegemônica e o poder político dos ruralistas vêm ativamente valorizando simbolicamente o agronegócio. Isso reinsere a perspectiva Kaiowá em uma posição subalterna em termos de poder e visibilidade. Ainda que a existência de um filme que se interessa por essa Outra perspectiva aponte para a expansão do alcance dos meios de comunicação, tal expansão não prescinde de desnivelamentos e silenciamentos *a posteriori*. A verdade daqueles tratados como



Anais de Resumos Expandidos

IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

Outros, ainda que midiaticizada, pode ser outra vez particularizada e ignorada por processos sociais e midiáticos resposta.

Somos levados a crer que o processo de expansão da cultura dos meios não necessariamente redundará na produção de uma ética ou verdade comum – como comentamos acerca da visão de Teilhard de Chardin (*apud* GOMES, 2016, p. 4-6) –, mas complexifica os campos de disputa ética e simbólica, sendo inclusive instrumento potencial para a desinformação. Dito isso, uma leitura excessivamente pessimista dos processos de reconhecimento que se dão a partir do filme seria apressada, visto que a midiaticização e a disputa aqui comentadas não são processos encerrados.

Referências

CIMI. Cartografia de Ataques Contra indígenas, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://bit.ly/2vQJmtx8>>. Acesso em: 7 de mar. 2020.

GOMES, P. G. *Midiaticização: um conceito, múltiplas vozes*. Porto Alegre: Revista Famecos. 2016.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15^a. ed, Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-131.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Filme conta a trágica saga dos guarani-kaiowá no Brasil. *Revista Exame*. Online. Disponível em: <<https://bit.ly/2uEfinz>>. Acesso em 28 de fev. 2020.

MARTÍRIO. Direção: Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho e Tatiana Amaral. Pernambuco: Olinda, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2TQqA0G>>. Acesso em: 6 de mar. 2020.

NETO, A. F. Mediação, midiaticização: conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In: FERREIRA, Jairo. et al. (Orgs.) *Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiaticização?* 1^a ed. Santa Maria: UFSM. 2018.



Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 4 (2020)

VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo/ RS: Ed. Unisinos, 2004.